Animatógrafo

DIRECTOR: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



Eis uma das mais notáveis conquistas de Hollywood: RUTH HUSSEY, uma das grandes promessas da M-G-M

2.ª SÉRIE — N.º 37 — PUBLICA-SE ÀS SEGUNDAS-FEIRAS — LISBOA, 21 DE JULHO DE 1941 — PREÇO: 1$50



«ZIEGFELD GIRL»

ZIEGFELD GIRL, que vamos ver na próxima época, não é, como do título se poderia julgar, uma continuação de O GRANDE ZIEGFELD, muito embora o seu argumento se baseie no tema dominante dêste filme e exalte a figura de Florenz Ziegfeld, o empresário americano a quem se deve a criação das «féeries» e a glorificação da beleza feminina, como motivo decorativo, nos palcos.

Numa das fotos vemos quatro beldades, enquadrando Robert Z. Léonard, que dirigiu ZIEGFELD GIRL. São elas Madeleine Martin, Georgia Carroll, Irma Wilson e Alaine Brandis, hoje «caloiras» dos estúdios, e amanhã — quem sabe? — vedetas célebres. Os trajos que envergam, de delirante fantasia, são estilizações dos «imponentes» e estapafúrdios trajos das «féeries» da época, no género dos que figuravam ainda nos guarda-roupas da companhia da «Eva Stachino» e de «Ba-ta-clan», quando vieram a Lisboa. Vale a pena atentar nelas. A pobre Madeleine Martin traz na cabeça polipos de coral, com peixinhos suspensos por arames. Enrolada à cinta uma cobra, uma moreia ou uma serpente de porta de farmácia... Georgia Carroll, coitadita, desaparece à sombra de monstruosas orquídeas. Irma Wilson parece a estufa fria, ou uma banana pendente num macisso de verdura tropical. A Alaine Brandis é um roupão chinês em relêvo, tantos são os dragões, lagartos e enguias que se enroscam nela, num entusiasmo aliás compreensivel...

A outra foto mostra-nos Judy Garland, de para-raios baiano, dialogando, com a bananeira humana, que é a já nossa conhecida Irma Wilson. O vestido da Judy, que ela exibe quando dança «Minnie From Trinidad», uma rumba célebre, foi desenhado por Adrian — e a única coisa que queremos pedir é que as nossas elegantes do Chiado, que já copiaram a «handage» de Carmen Miranda, não adoptem nos seus chapéus aquela tromba de elefante de trapo, a que só Judy Garland pode resistir com a sua mocidade e a sua alegria trepidante...

E, aqui para nós, não sabemos o que ela terá dito, quando lhe enfiaram aquilo na cabeça...



Estas fotografias foram enviadas expressamente de Hollywood para «Animatógrafo», que as publica em exclusivo

2.ª série / N.º 37 / Preço 1$50

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO na sede provisória, R. do Alecrim, 65, Telef. 29856. Composto e impresso nas Oficinas gráficas da EDITORIAL IMPÉRIO, LDA. — R. do Salitre, 151-155 — LISBOA — Telef. 4 8276. Gravuras da FOTOGRAVURA NACIONAL - Rua da Rosa, 273

Animatógrafo

Director, editor e proprietário: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

21 de Julho de 1941

PREÇOS DA ASSINATURA

Ano . . . . 78$00
Semestre . . . . 39$00
Trimestre . . . . 19$50

Distribuidores exclusivos: EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, LIMITADA — Largo Trindade Coelho, 9-2.º (Telef P. A. B. X. 27507) — LISBOA

MAIS UMA GRANDE REPORTAGEM CINEMATOGRÁFICA

A viagem do Chefe do Estado AO ARQUIPÉLAGO DOS AÇORES

vai ser filmada pelo *Secretariado da Propaganda Nacional* com a colaboração da SPAC

Animatógrafo pode hoje anunciar êste facto que vai satisfazer todos os cinéfilos do país: a viagem presidencial ao Arquipélago dos Açores será filmada! O S. P. N. ordenou que se fixasse no celulóide êsse notável acontecimento histórico e solicitou para isso a colaboração da SPAC, emprêsa a quem se devem numerosos e importantes trabalhos cinematográficos.

Houve certa apreensão nos meios cinéfilos da capital pelo facto de se supor que tão importante jornada histórica fôsse esquecida pelas objectivas das câmaras de filmar. De facto, inicialmente, surgiram certas dificuldades. Elas, porém, foram removidas. A viagem presidencial aos Açores será filmada, tal e qual como as que a antecederam.

Tôdas as grandes viagens presidenciais foram filmadas

Depois das cine-reportagens «1.ª Viagem Presidencial às Colónias de Africa, (S. Tomé Príncipe, Angola), filmada por iniciativa do Ministério das Colónias e pelos operadores Isy Goldberger e Manuel Luiz Vieira; depois da «Viagem Triunfal» (2.ª Viagem Presidencial, a Moçambique, com passagem em Cabo Verde, S. Tomé e Angola), filmada pela SPAC, sob o patrocínio do S. P. N., e pelos operadores Artur Costa de Macedo e Octávio Bobone, a terceira viagem presidencial, ou seja ao Arquipélago dos Açores, não poderia deixar de ser fixada em imagem, como documento histórico de inegável interêsse a legar à posteridade.

Achamos justo que o S. P. N. tenha solicitado a colaboração da SPAC, a quem devemos muitas e notórias realizações cinematográficas.

O que se deve à SPAC

Assim, o único jornal de actualidades cinematográficas português existente é o «Jornal Português» (actualidades mensais de que já sairam vinte e sete números), editado pela SPAC.

A SPAC foi ainda a emprêsa que filmou «As Festas do Duplo Centenário», editadas no «Jornal Português». Devemos, a propósito, noticiar que «As Festas do Duplo Centenário» foram agora reünidas num único filme, que já vai a caminho do Brasil. Êsse documentário magnífico, foi fotografado por Manuel Luiz Vieira, Costa Macedo, Octávio Bobone e Salazar Diniz.

Foi ainda a SPAC que enviou ao Brasil, como noticiámos, o operador Artur Costa de Macedo, para fazer a reportagem da Missão Especial de Agradecimento e da viagem oficial de António Ferro, director do Secretariado da Propaganda Nacional e da Emissora Nacional, reportagem que será editada no «Jornal Português».

Agora, o S. P. N. decidiu filmar a Viagem presidencial aos Açores. Parece-nos supérfluo dizer aqui o que esta viagem representa, o que ela significa, o que ela vale no momento actual. Exaltar o seu significado? Mas acaso algum português não sente e não sabe qual êle seja? Frizemos que a viagem não foi decidida por qualquer necessidade de ocasião. O Presidente da República Portuguesa visitou as suas, — as nossas colónias, a espaços. Os Açores ainda não tinham recebido a visita do primeiro magistrado da Nação. A jornada histórica a efectuar dentro de dias servirá, pois, de testemunho de gratidão — e de presença — da Mãe Pátria e da dedicação da boa gente açoreana por aquela.

O Chefe do Estado embarca depois de amanhã

O Chefe do Estado embarca, conforme os jornais já informaram, no «Carvalho Araújo», a 23 do corrente. Acompanham o sr. General Carmona, além de outras individualidades, os srs. Ministro do Interior e da Marinha.

A bordo daquele navio, que será escoltado por uma divisão naval, seguirá o operador cinematográfico Manuel Luiz Vieira, cuja competência é indiscutível. Madeirense, conhece também os Açores, cuja luminosidade e pitoresco lhe são familiares.

Damos, noutro local, alguns apontamentos — breves apontamentos, aliás — sôbre a personalidade dêste profissional de cinema, homem criterioso e simples, de quem tudo quanto se diga está àquem do seu real valor.

O meio cinematográfico exulta com a notícia da sua nomeação para filmar a viagem presidencial.

«Animatógrafo» aproveita esta oportunidade para desejar os melhores votos de êxito a Manuel Luiz Vieira e, conseqüentemente, à SPAC.

Portugal vive um momento excepcional. Há cêrca de trinta anos que os Açores não recebiam a visita de qualquer Chefe de Estado nacional. Por êste — e por outros motivos que é desnecessário enaltecer — os Açores exultam na ansiedade de receber a visita do sr. General Carmona, que conta com a incondicional simpatia e amizade do seu povo.

Onde se volta a falar da «Tôrre do Tombo» cinematográfica

Cinematogràficamente, o assunto reveste-se de excepcional interêsse e mais uma vez, «Animatógrafo» que, modéstia à parte, dedica todo o seu carinho e o seu esfôrço ao desenvolvimento de tudo quanto diga respeito ao Cinema, vem aqui lembrar a conveniência de se constituir um arquivo nacional de filmes de valor histórico, para que êles se não percam, estraguem, ou envelheçam, antes possam servir de documento exacto aos estudiosos, aos curiosos — e aos historiadores que dêle um dia necessitem.

Êste — parece-nos — é o momento de se cuidar desta obra necessária e útil, que não é sequer cópia servil do que existe no estrangeiro, pois tem características absolutamente próprias e especiais.

É tempo de fundar a nossa «Tôrre do Tombo» cinematográfica. Um dia, o país, verá quanto ela tem razão de existir e como preencheu uma lacuna de que poucos suspeitavam.

Mas, até esta nossa sugestão se tornar realidade — que o há-de ser — congratulemos-nos com a certeza de que a viagem presidencial ao Arquipélago dos Açores será filmada e de que disso foram encarregues uma emprêsa que tem um passado e um operador que é um dos mais antigos e dos mais probos da nossa terra.

Na página seguinte publicamos uma referência especial e muito justa a Manuel Luiz Vieira.

OS TÉCNICOS DO CINEMA PORTUGUÊS



Manuel Luiz Vieira

A propósito da viagem presidencial aos Açôres, diremos que Manuel Luiz Vieira foi o operador indicado para filmar êsse acontecimento de extraordinário significado e alcance.

Há um tempo a esta parte, o nome de Manuel Luiz Vieira tem andado afastado das nossas telas. Depois de haver filmado a série de «curtos» do S. P. N., o operador da «Castelã das Berlengas» — lembram-se dêste filme? — tem trabalhado para a Spac, para a secção cinematográfica do Ministério da Agricultura.

Congratulamo-nos por ver aquele prestigioso operador «reaparecer» em trabalho de vulto, demais estando êle absolutamente «em forma».

Manuel Luiz Vieira — expliquemo-lo àqueles que não tenham a fortuna de conhecer a sua biografia — principiou a sua carreira na Ilha da Madeira. Foi operador, argumentista e até director de filmes. Na ilha formosíssima a que Ferreira de Castro chamou, com grande propriedade, um oásis no deserto do oceano, dirigiu e filmou «A calúnia» e «O Fauno das Montanhas». Dedicou-se à reportagem cinematográfica, filmou Ruth Elder. Depois, Lisboa interessou-o. Aqui impressionou alguns quilómetros de negativo, trabalhou em filmes de fundo — «A Portuguesa de Nápoles» e «A Castelã das Berlengas», isto sem citar outros, sonoros, em que actuou, sempre com manifesto êxito e provada competência.

Manuel Luiz Vieira foi um dos operadores da «Primeira Viagem Presidencial». Achamos justo que seja êle o operador encarregado de fixar o documento da jornada histórica que se anuncia para breve.

As quatro surprezas

por A. de Carvalho Nunes

— Nasceu uma estrêla!

E o bom cinéfilo põe-se a prescrutar o céu, àvidamente, em busca do achado...

Mas não, a estrêla não chegou a nascer: um traço luminoso no firmamento, e nada mais.

Quando muito, uma estrêla cadente, isto é, que não chegou a conhecer a decadência...

E, contudo, não faltam candidatas ao título, nem razões fortes para o atribuir.

Essas razões não constituem segrêdo para ninguém: o desgaste natural do tempo; o cansaço do público, eterno insatisfeito; um romance que começou em Hollywood e acaba longe dêle; o feitiço do teatro ou o prestígio de Broadway, etc.

Mas a guarda rende-se de preferência a morrer. Lugar aos novos! Lugar que se conquista degrau a degrau, até chegar «lá cima», deixando a perder de vista o esfôrço alpinista.

Então sim, nasceu uma estrêla.



Lucille Ball

Dá-se-lhe um nome, fluente, musical, ou propositadamente arrevesado, um nome que àmanhã dará a volta ao mundo e cujos caracteres crescem de formato na proporção em que cresce a admiração do público.

Às vezes sucede sofrer uma perda de altura a adivinhar desastre, a deixar supor que não há para-quedas da publicidade que salve a estrêla em momentâneo eclipse.

Outras vezes sucede que a sua órbita é caprichosa e longa; nesse caso a artista torna a aparecer quando já nos havíamos esquecido dela. Deve tratar-se de «reservas» da pirotécnica chuva de estrêlas de Hollywood...

* * *

O ano de 1941 obrigou-nos a decorar quatro nomes, que felizmente não pertencem à geografia... política. São êles: Lucille Ball, Ellen Drew, Lana Turner e Laraine Day.

Cada qual com os seus predicados, foram a grande surpresa desta época e merecem bem que nos detenhamos a admirá-las.

LUCILLE BALL, para nós, é a última grande afirmação do cinema americano e supera, com



Ellen Drew

a sua personalidade irradiante, as outras artistas que nomeámos.

Ela não se confunde com qualquer artista que antes tenha passado na tela. Mais, a sua fotogenia leva-nos a distingui-la quando perdida numa multidão de figurantes, como sucedia em «Gente Alegre», onde actuou como pessoa crescida.

Surge-nos pletórica de possibilidades artísticas, que a farão oscilar entre a comédia e o drama, com a certeza dum êxito antecipado: faz rir e comove, canta e dança. E tudo com uma «presença» impressionante.

Vimo-la em «Dança, Rapariga, Dança» a *agüentar* a competição da formosa Maureen O'Hara, e a dar os primeiros passos duma carreira que promete muito.

ELLEN DREW que foi a principal intérprete feminina de «Por Sua Dama» e que tornou a chamar sôbre si a atenção do público em «Cautela com as Mulheres», só «Em Face do Destino» encon-



Lana Turner

trou a afortunada ocasião de se proclamar maior e emancipada...

O título do filme teve para ela um significado simbólico e prometedor.

A figura da heroína era dificílima de interpretar: ao sabor duma transposição cinematográfica de teorias de Freud que fizeram furor há uns dez anos, vivia alternadamente sob a acção do consciente e do subconsciente, à qual, iamos jurar, o «inconsciente» também não era estranho.

Aliás o filme é daqueles que prende a atenção do princípio ao fim, além de revelar muito boa categoria artística.

Pois Ellen Drew saiu-se lindamente desta prova tão difícil quanto propícia à revelação do seu talento.

LANA TURNER revelou-se nas «Meninas da Alta Roda», mais do que em «Curvas Perigosas», onde surgia apenas, parece, para justificar o título...

Sabem quem ela nos faz lembrar? Jane Harlow! Bem entendido, a Jane Harlow dos primeiros filmes, quando preguntavamos a nós próprios aonde, em boa consciência, acabava a admi-



Laraine Day

ração pela mulher e começava a apreciação da artista, ou vice-versa.

No entanto, o físico necessàriamente que a ajuda.

Já em «Curvas Perigosas» ela tinha tido ocasião de mostrar os seus dotes apreciáveis de bailarina, e em «Meninas da Alta Roda» volta a dançar, mas neste filme ela impõe-se sobretudo pela interpretação marcante duma «taxi-girl» — instituïção americana pouco invejável.

O facto de Lana Turner desempenhar um dos primeiros papéis em «Sonhos de Estrêlas» («The Ziegfeld Girl»), ao lado de Judy Garland e Heddy Lamarr, parece-nos de bom augúrio para a sua carreira.

E depois de sabermos que ela acompanha Spencer Tracy numa nova edição de «O Médico e o Monstro», acreditamos piamente que a sorte está lançada.

LARAINE DAY, a suave e delicada enfermeira da série «Dr. Kildare», que todos desejaríamos ver à cabeceira numa hipotética mas, mesmo assim, não desejável doença, teve ocasião de vencer e convencer no decorrer da pre-

(Conclui na pág. 13)



MICHÈLE MORGAN

A excepcional intérprete de «Longe do Mundo», hoje em Hollywood, contratada pela RKO, deve como sabem a sua carreira a um português — o produtor A. de Aguiar — que lhe abriu as portas dos estúdios


A vida é um film....
filmar é revivê-la,
em absoluta realidade,
eternamente.....
Imprima movimento, acção, ritmo, aos documentários fotográficos de vossos filhos — assim terá a «vida» tal qual ela decorre em cada instante. Um «Ciné Kodak Oito» tudo regista com facilidade, sem perda dum só pormenor. Milhares de pessoas em todo o Mundo têm já o seu «Ciné Kodak Oito» e obtêm os melhores resultados. Filmar constitue para elas uma das melhores diversões.
Não perca mais tempo. Adquira já o seu «Ciné Kodak Oito», filme os grandes momentos da vida, e, assim, revivê-la-á eternamente.
Ciné-Kodak 8
O aparelho de filmar para toda a gente
KODAK. LIMITED — 33, Rua Garrett — LISBOA

PANORÂMICA

Gabriel Pascal

Gabriel Pascal, o conhecido produtor de «Pigmaleão», encontra-se em Lisboa desde quarta feira última. Vai a caminho de Espanha, a fim de realizar um filme de grande envergadura sôbre Cristóvão Colombo. Acompanha-o uma brigada de técnicos americanos seus habituais colaboradores.

Gabriel Pascal conta, num futuro próximo, realizar um filme sôbre Vasco da Gama.

No próximo número, publicaremos uma reportagem sôbre o conhecido homem de cinema.

As portas e as janelas

Um dêstes dias em que o termómetro baixou e todos nós andávamos com certa vontade de recorrer aos sobretudos, um cinema da capital fazia o seu reclamo declarando ser a casa de espectáculos onde havia mais fresco, pois tinha nada menos de vinte janelas — abertas!

Outro cinema (quem tem os trunfos é que os joga) veio logo a terreiro informar o público de que tinha à sua disposição quarenta portas e janelas — abertas!

Esta competição em defesa das salas arejadas e frescas leva-nos a fazer duas preguntinhas.

Uma: que poderá dizer o Capitólio, que não tem portas nem janelas no salão e que, feitas as contas, é tão fresco como outro cinema qualquer?

Outra: e o que fariam as tais duas salas em despique se amanhã o Coliseu reclamasse as suas portas abertas para os corredores e a cúpula aberta para o céu?

Fred Niblo e Rex Ingram

Preguntámos uma vez, nestas colunas, que era feito de Fred Niblo, um dos mais afamados realizadores cinematográficos de Hollywood, o homem a quem ficámos a dever «Sinal de Zorro», «Ben-Hur», «A Dama das Camélias» com a grande Norma Talmadge.

«Porque se sumiu da publicidade cinematográfica?» — preguntámos então.

Podemos hoje responder, não só àcêrca da sorte de Fred Niblo mas também da do realizador Rex Ingram, que teve também a sua aura e a quem ficámos devendo produções de categoria entre elas «Os quatro cavaleiros do Apocalipse», com Rodolfo Valentino.

Fred Niblo e Rex Ingram são hoje dois astros extintos. Um e outro arrastam penosamente a existência em Hollywood. Já não são realizadores, já não fabricam emoções. Hoje, um e outro, vidas estropiadas e sem rumo certo, perdem-se entre as legiões dos extras e ganham a custo o pão de cada dia, fazendo figuração, anònimamente, valorosamente...

Estranha e diabólica é a capital do cinema onde raros são os que, após terem conhecido a fortuna, a glória e o aplauso, podem cair de pé...

Ann Sheridan

Convém rectificar que Ann Sheridan, a simpática artista de quem publicámos recentemente um bonito retrato em separata, e que vimos há pouco em «O Presídio de Alcatraz», é actriz contratada da Warner Brothers e, como tal, foi apresentada entre nós pela Sif, a companhia distribuidora a quem se deve, sem favor o dizemos, alguns dos grandes êxitos estreados no nosso país.

E porque os leitores devem ser informados com verdade e a César se deve dar o que lhe pertence, aqui declaramos que Ann Sheridan é actriz do contrato da Sif, emprêsa que muito gentilmente nos cedeu a foto que recentemente publicámos.

TUDO É SAGRADO

Não é novo o reparo. Lamentamos, pois, ter de reeditar um tema velho, que parecia já esquecido mas que, por mercê não se sabe de quem, volta a ter flagrante actualidade.

Há anos, protestava-se nas revistas cinematográficas e nos jornais diários, contra o mau português das legendas dos filmes. Protestava-se, pricipalmente, contra o abuso de legendas redigidas em brasileiro.

Hoje, porém, e embora isso nos pese, voltamos a protestar contra certas traduções que aí aparecem em filmes e a clamar contra o abuso da infiltração da linguagem brasileira nas nossas telas.

Note-se que êste nosso protesto não envolve, de modo algum, a menor censura ao Barsil ou à sua linguagem. Pelo contrário: o pitoresco da linguagem de Jorge Amado ou de Erico Veríssimo marca a personalidade dum povo com características próprias e magníficas.

«Animatógrafo» tem-se insurgido, por vezes, e só em caso extremos, contra o mau trabalho de alguns tradutores de filmes, não tanto como tradutores mas como redactores. Português detestável, muitas vezes sem sintaxe, quantas vezes sem concordância — e quási sempre sem brilho.

Ora, o Cinema é uma escola. A questão sintática e o problema ortográfico não podem ficar desconhecidos dos senhores que assinam as legendas.

A nosso ver — e sem qualquer intuito de melindre seja para quem fôr — a legendagem dum filme não devia ser confiada a mercenários com as habilitações exigidas por lei, mas por comediógrafos, romancistas, novelistas — gente de espírito e adestrada na arte de dialogar.

Porque isto de qualquer menino solecista ter o descôco de assinar uma obra que é apresentada ao público, obrigando êste a devorar e a ler tôda a sua ignorância e a entediar-se com a sua falta de graça — é uma desgraça.

Um bom dialogador pode salvar um filme; um simples tradutor apenas traduz, alinhando palavras e cosinhando frases de estilo frouxo, ensôssas, triviais.

A negligência com que se aceitam maus trabalhos dêste género faz-nos pasmar. Porque da tradução — repetimos — pode depender a sorte dum filme.

Mas há mais: recentemente, as produções comentadas em brasileiro voltaram às nossas telas. Já não falamos naquele jornal de actualidades que insiste, sem que ninguém proteste: «Fala êle mesmo». E o espectador menos culto e o escolar leem uma, duas, dez vezes — e vão atrás da asneira, que tem o dom terrível da atracção.

«Fala êle mesmo!» E ninguém pede a Hollywood que emende o letreiro e o redija no português mais simples e correcto!

Pois agora, também aparecem aí, nas nossas telas — que se prestam, coitadas, a tantos crimesinhos de bom gôsto e de bom senso — documentários comentados em brasileiro, o que não agrada inteiramente ao público. Para cúmulo, principiam a aparecer filmesinhos de enrêdo e «trailers» comentados em brasileiro.

Mas não estaremos nós em Portugal?

Acaso não é sagrada a nossa língua, que se fala e escreve há oito séculos? E se há escolas e liceus e universidades para se aprender a língua portuguesa, com que direito ou justificação a América nos envia redacções estropiadas e comentários em língua que não é positivamente a portuguesa, pois usa de sintaxe própria?

Como se compreende que por um lado se olhe pela instrução pública e por outro se descure êsse português que se projecta nas telas dos cinemas?

Não só a nossa língua é sagrada para que a veneremos; tudo é sagrado na nossa pátria, inclusivé o respeito de nós próprios.

E — sem desprimôr para ninguém — nós não perdoamos que se descure tanto êste importante problema que briga com a directriz nacionalista de Portugal.

MOTA DA COSTA

O correio de «Bel-Tenebroso»

Um leitor escreveu, maguadíssimo, a «Bel-Tenebroso», um postal que principia assim:

«Desde o dia 17-3-941 para cá é esta a primeira vez que lhe escrevo e aproveito a ocasião para lhe dizer que escrevi em 15-1-941; 25-1-941; 15-2-941 e 17-3-941, sem que até hoje tenha recebido resposta alguma...»

O leitor admira-se porque ainda não admirou a rima de cartas e postais que se empilham em vários lotes na vasta secretária de «Bel-Tenebroso». O nosso colaborador não tem mãos a medir e «Animatógrafo» não tem espaço que chegue para dar vazão a tantas respostas.

Já fazemos o sacrifício de, uma vez por outra — e muitas têm sido! — dar mais de uma página de correspondência. Mas rogamos que se não zanguem com «Bel-Tenebroso» nem vejam má vontade da nossa parte. As respostas saem pela ordem porque chegou a correspondência... Toca a vez a todos. O pior é que há leitores que até escrevem todos os dias, em detrimento daqueles que esperam serenamente que lhes respondam...

O segundo espectáculo do «CLUBE DO ANIMATÓGRAFO» realiza-se em breve

Andam alvoraçados os sócios do «Clube do Animatógrafo» com a notícia que demos há dois números de que se estava organizando a segunda festa. Temos recebido cartas e postais de novos sócios a pedirem o envio de bilhetes. Devemos uma vez mais informar que os cartões de entrada serão recebidos em casa dos sócios segundo as moradas que indicaram quando se inscreveram. Não terão, portanto, qualquer maçada e a tempo e horas receberão os cartões de ingresso.

Assim como a primeira, esta segunda festa do «Clube do Animatógrafo» realizar-se-á no cinema do Palácio das Exposições do Parque Eduardo VII, gentilmente cedido ao nosso clube pela Câmara Municipal de Lisboa.

O programa de que faz parte um dos melhores — senão o melhor — filmes de Fritz Lang, realizado na Alemanha, contêm ainda alguns complementos de grande categoria, cuidadosamente seleccionados, e que agradarão a todos os sócios que assistam ao espectáculo.

No próximo número publicaremos o programa completo assim como o dia em que se realizará a segunda festa do «Clube do Animatógrafo» e que deve ser ainda êste mês.

Sabemos que alguns dos sócios do Clube se encontram fora de Lisboa a gozar as férias, o que nós não podemos fazer para que «Animatógrafo» apareça, pontualmente, tôdas as segundas-feiras, mas vários postais e cartas de sócios, recebidos ùltimamente dizem-nos que estão dispostos a vir a Lisboa, propositadamente para assistir à festa que se está organizando com o carinho e cuidado que «Animatógrafo» põe em tôdas as suas iniciativas.

Esta prova de interêsse e simpatia pelo Clube desvanece-nos. É, nosso desejo, mais uma vez lembrar que se torna necessário que o carinho que os nossos leitores demonstram possuir por «Animatógrafo» seja mais evidente. Se todos os sócios do Clube assinarem «Animatógrafo» não fazem mais do que provar duma maneira iniludível o interêsse que sabemos terem pelo nosso semanário.

«Animatógrafo» tem cumprido sempre o que promete e para que possamos realizar muitas outras coisas que temos estudadas torna-se necessário que os sócios do «Clube» sejam assinantes do «Animatógrafo». Isto é, sem dúvida alguma, um acto de justiça que esperamos seja cumprido.

Prometemos, se se efectuar a assinatura em massa do «Animatógrafo» pelos sócios do Clube, que muitas festas e outras iniciativas terão além de receberem nas suas casas o nosso jornal, antes de ser posto à venda. E «Animatógrafo» nunca falta ao que promete.

Os sócios da província que não desanimem. Apesar das inúmeras dificuldades que as circunstâncias actuais antepõem a tôdas as iniciativas, «Animatógrafo» não esquece que há sócios do Clube que vivem na província e que lhes prometeu organizar espectáculos como os que se realizam em Lisboa. Mas para que possamos efectuar essas festas em várias terras é preciso que os sócios da província colaborem nos nossos trabalhos, assinando «Animatógrafo».

E estejam descançados que dentro em breve lhes daremos boas notícias.

Quanto aos sócios de Lisboa, temos a dizer-lhes que esperem mais uma semana e saberão tudo o que se vai passar na próxima festa do «Clube».

PREGUNTAS DE ALGIBEIRA

1 — Há um filme intitulado «A justiça de Jesse James» e outro intitulado «O regresso de Frank James». O segundo é a continuação do primeiro. Na «Justiça de Jesse James», ficavam impunes os assassinos do bandoleiro que jurara exterminar os destruïdores da casa dos seus pais. Qual dos filmes era interpretado por Henry Fonda?

— «A justiça de Jesse James»?
— «O regresso de Frank James»?
— «A justiça de Jesse James»?
— «O regresso de Frank James»?
— ...«Jesse James»?
— ...«Frank James»?
— «Jesse»?
— «Frank»?
— ...«James»?

2 — Lembra-se qual foi o filme que deu celebridade a Peter Lorre? Foi:

— «Mister Moto no Egipto»?
— «A ilha dos sentenciados»?
— «Matou»?

3 — A América não tem só realizadores de filmes, tem também realizadoras, ou melhor: uma realizadora. Quem é ela?

— Virginia Watson?
— Margaret Arzner?
— Sophie Hilliard?
— Dorothy Arzner?
— Dorothy Brigs?

4 — Sabe dizer quem é Orson Wells?

— Campião de «box» que ganhou um prémio no estádio de Los Angeles?
— Noivo de Laraine Day?
— «Duplo» de «cow-boys» em cenas arriscadas?
— Mestre cabeleireiro dos estúdios da M-G-M?
—Produtor, realizador e actor?

5 — Quem é a grande paixão de Mickey Rooney, já reveleda no «Animatógrafo»? É:

— Ann Rutherford?
— Linda Darnell?
— Diana Lewis?

6 — Qual é o verdadeiro nome de Helen Whitney, parceira de Charles Laughton em «Nossa Senhora de Paris»? É:

— Janine Merrey (antigo manequim de «Peter & Son»)?
— Suzy Mason (escultora de Montparnasse)?
— Helen Fortesque Reynolds (da aristocracia americana)?
— René Fortesque (antiga dactilógrafa)?
— Michèle Reynolds (cantora de variedades)?

7 — Quais são os protagonistas de «Bigamia»?

— Melvyn Douglas, Jean Arthur, Robert Taylor?
— Fred Mc Murray, Ann Sothern, Melvyn Douglas?
— Melvyn Douglas, Carole Lombard, Fred Mc Murray?
— Fred Mc Murray, Jean Arthur, Melvyn Douglas? z

8 — O título dêsse filme estava adequado ao assunto que nele se tratava?

— Sim.
— Não.
— Talvez.

9 — E porquê?

À Margem das Fitas

FARIA DA FONSECA

A U. A. espalhou a notícia de que Mary Pickford vai, novamente, produzir fitas, mas desta feita com a intenção de fazer reviver na tela o género de espectáculos por ela criados noutros tempos. Para tanto, firmou um contrato com Edward Small que, por sua vez, contratou Shirley Temple, com ideias de a aproveitar logo que esta esteja desembaraçada dos compromissos assumidos para com a Metro.

Se até aqui nada há de sensacional, daqui em diante é que são elas. Mary Pickford escolheu Shirley Temple para sucessora! A pequena actriz será a Mary Pickford do futuro, porque a «velha» «Noiva da América» lhe cedeu o título.

Dum grande jornal da América Latina recortamos esta... carapuça: «...Se os *capitalistas* não souberam aproveitar as grandes oportunidades que se lhes ofereciam para multiplicar as suas inversões, sentimos por êles. Alguém virá, quiçá com mais modéstia, mas com sentido comum de sobra, que saberá apreciar inteligentemente os múltiplos segrêdos que esta mina inexplorada encerra em suas entranhas...» Refere-se o articulista à produção cinematográfica e parece ter escrito um versículo profético, extensivo a muitos outros casos além do sul-americano.

O mês de Maio de 1941 foi particularmente mau para os «extras». O número total de chamadas não excedeu 16.000, que é insignificante se o compararmos com o do mesmo mês de 1940 (21.523) ou com o de Abril de 1941 (33.438). Convertendo êstes números em dólares, tomando como base $11 por dia e por chamada (cifra indicada pelo «Variety»), eis as verbas dispendidas por Hollywood com os «extras»:

Maio de 1941	$175.000
Maio de 1940	$236.048
Abril de 1941	$384.785

Em contos os números serão:

Maio de 1941	4.375
Maio de 1940	5.901
Abril de 1941	9.619

Já que falamos em vencimentos, aí vai mais uma informação: Joe Pasternak, hoje chefe da produção da Universal, entrou para essa companhia a ganhar 300 dólares (7.500 escudos) por semana, auferindo agora $3,500, ou sejam 87 contos e meio, semanalmente. Em Portugal, ainda que a semana, em vez de 7, tivesse 70 dias, a soma de 87 contos e meio seria um belo ordenado...

À PROCURA DA MENINA AMÉLIA!



Terminada a maquilhagem, as candidatas ao papel da menina Amélia, cuidam ainda dos penteados. Dois segundos depois, começam as provas de foto e de fonogenia



Uma das candidatas: Natália Lima

Uma fita como o «Pai Tirano» boa comédia lisboeta, risonha e alegre, não pode deixar de apresentar uma vasta galeria de tipos, daqueles que a cada passo se encontram pela rua e que, por isso mesmo, gostamos de encontrar como velhos conhecimentos nas telas dos cinemas.

Ora não há dúvida nenhuma que numa fita de Lisboa, entra bem, entra que nem peixe na água, uma dactilógrafa, daquelas espevitadinhas, que tomam sempre o café com leite de corrida e que saiem às nove e meia de casa para estar no escritório às nove em ponto. Pois no «Pai Tirano» há uma dactilógrafa e chama-se a «Menina Amélia».

Para inventar esta menina «Amélia» dactilógrafa não houve da parte de António Lopes Ribeiro, Vasco Santana e Ribeirinho, dificuldades de maior. Pintaram-na tal e qual como a gente a conhece — mesmo sem nunca a ver e ficaram todos contentes. Depois quando pensaram a sério em *quem* escolheriam para contracenar com o «Chico» (Ribeirinho) com a «Tatão» (Leonor Maia) com a «D. Emília» (Emília de Oliveira) e com o «Sr. Prata, Contabilista» (Joaquim Prata) ficaram um bocado mais perplexos. Por pouco tempo, no entanto.

Há por essa Lisboa centenas de raparigas cujas caras e maneiras andam mesmo a pedir que as levem para o Cinema, sorrisos que são predestinados, simpatias capazes de provocar qualquer Mirna Loy. E vai daí, descobriu-se em plena Baixa uma intérprete que convinha para o «Pai Tirano». Foi a «Menina Amélia» que nunca chegou a ser «Menina Amélia». Nunca chegou a ser porque um dia a «Menina Amélia» escolhida, cheia de mágua, participou ao nosso director que não podia ser intérprete, não podia fazer fitas, não podia tentar o Cinema. As razões eram fáceis de expor embora difíceis de compreender.

Havia um «êle»... e «êle» — muito século XIX, como qualquer rapaz português que se preza por ser... «bota de elástico» não deixava.

Era um caso abórrecido mas era banal dentro do Cinema Português.

Noutras alturas, surgido assim do pé para a mão, em vésperas de filmagem, êste contratempo levantava grandes preocupações.

Desta vez não foi assim porque a «Produção A. L. R.» tem organizado, como muito bem sabem os leitores do «Animatógrafo» o seu «Serviço de Selecção de Intérpretes».

Dado o alarme, imediatamente dos ficheiros saltaram os «cadastros» relativos às inscritas que reüniam as condições basilares de interessar para o papel. Meia hora depois o Director de Produção com o seu estado-maior reünido procedia a uma escolha mais rigorosa das candidatas. Estudavam-se as alturas, as côres de cabelo, os tipos, dava-se o balanço completo das qualidades e indicações apontadas. Àquela hora, possìvelmente, as «Meninas Amélias» andavam pelo Chiado a fazer as suas compras ou estavam nalguma *matinée* a pensar quando viria a «sua» oportunidade. E já na secretaria se fa-

(Conclui na pág. 13)



Outra: Aciolinda Reis



A menina Amélia: Nelly Esteves

«O PAI TIRANO»

SAIU A RUA E ESTEVE NO CHIADO

LEONOR MAIA e RIBEIRINHO, a princípio «zangados», desceram contentes e satisfeitos, a rua Garrett e compraram uma revista de Cinema...



De manhã cedo, o Chico e a Tatão descem apressadamente a Rua Garrett para chegar a horas aos respectivos empregos...

Domingo, dia 13, amanheceu com um sol radioso, os passarinhos a cantar, e as gentes a prepararem-se para sair de Lisboa passar um dia na praia ou no campo. É certo que o tempo enfarruscou-se depois. Mas a manhã estava realmente convidativa e depois duma semana de trabalho intenso dentro do estúdio, «O Pai Tirano» resolveu dar também o seu giro domingueiro.

«O Pai Tirano» de tralha às costas, actores, técnicos, maquillage, fatos, máquinas e comparsas passou a manhã de domingo a calcurriar o Chiado.

*

Todos o strabalhadores de Cinema, mais que ninguém, gostam de ver, no público, entusiasmo cinéfilo. É êle que dá o principal apoio e o mais importante estímulo às fitas, porque é êle que paga os bilhetes dos cinemas.

Acontece, no entanto, às vezes, que o entusiasmo cinéfilo é para o Cinema verdadeiramente indesejável. Sempre que o Cinema anda a tirar vistas pelo exterior se calha a topar muitos cinéfilos no local em que trabalha vê-se aflito. Todos os cinéfilos se deixam enfeitiçar pelo olhar da câmara. Quando a vêem a filmar dão voltas e reviravoltas para lhe passarem pela frente. E depois quando já estão bem de frente, vóltam-se, miram, remiram e alguns até, levantam os braços e fazem sinalefas para serem reconhecidos, quando estão na platéia. Está claro que isto não pode ser.

Por estas e por outras é que «O Pai Tirano» a primeira vez que saiu do estúdio para passear teve de ir embuçado, disfarçado, escondido. Só assim se conseguiu que a Tatão e o Ribeirinho andassem no meio dos cinéfilos que cruzavam o Chiado sem que êles, a maior parte das vezes tivessem dado por isso.



Estará, Ribeirinho, disposto a partir o vidro desta montra?... «O PAI TIRANO» revelar-vos-á, em Setembro, o que o Chico fazia neste momento

*

Pelas 7,30 da manhã chegou ao Camões um pequeno automóvel verde que silenciosamente parou um pouco atrás da esquina da Rua das Flores. Os ocupantes sumiram-se ràpidamente por uma das portas. Uma janela do primeiro andar abriu-se e uns senhores espreitaram com o ar mais natural dêste mundo.

A passarada no Camões chilreava contente sem saber que existia cinema. E as meninas que desciam do Calhariz para a missa e a criada que vinha da Ribeira, subiam o Alecrim calculavam tanto como a passarada que os olhos de «O Pai Tirano» andavam por ali a observar.

*

Passara-se um ligeiro quarto de hora quando entrou no Camões uma «forgounette» azul que deu volta à praça e parou. Sairam homens que descarregaram. Desta vez chegava uma bagagem misteriosa. Umas malas eram descarregadas com infinitos cuidados como se dentro levassem ovos ou vidros.

Uma pomba estava poisada na cabeça do Camões. E as gentes continuavam a perceber tanto o que se passava como a pomba que estava poisada na cabeça do Camões.

*

Correram mais uns minutos, e chegou um grande automóvel. Parou junto da Policlínica e correu as cortinas. Come:aram uns senhores a andar dum lado para o outro. Distribuíram quatro polícias pelos pontos estratégicos. Até aqui ninguém descobrira nada. Mas da bagagem misteriosa, numa janela do primeiro andar começou a sair o tripé, a máquina de filmar, os filtros e todos os acessórios complementares.

Alguns minutos passados ouviu-se um apito. Ribeirinho com caracterização e tudo saiu do automóvel das cortinas direito aos Correios. Outro apito e, também do automóvel saiu a Tatão para atravessar a praça seguida pelo seu namorado Chico (Ribeirinho).

Só depois de tôda esta manobra o público se começou a juntar. Alguns transeuntes admirados pela pintura côr de tijolo dos intérpretes pararam suspensos, em seguida admiraram-se e por fim desataram em profundas pesquisas à procura da máquina de filmar. Felizmente já não iam a tempo. «O Pai Trirano»» tinha passado pelo Camões.

*

Já com grande assembleia — cada transeunte que descia o Chiado ficava a ver as filmagens — a equipa da «Produção A. L. R.» parou diante do Café Chiado. A Tatão contemplou as revistas de cinema da tabacaria e ameaçou o Chico de lhe dar com a mala na cara. O Chico seguiu a sua namorada, passou depois com ela a caminho da Perfumaria da Moda e ofereceu-lhe revistas de Cinema. Iam todos sorridentes e... derretidos ao lado um do outro.



A Tatão conseguiu converter o Chico, furioso dramático, ao cinéfilismo

*

Era meio-dia e meia hora quando «O Pai Tirano» se retirou do Chiado. Foi na hora própria. O tempo cumprida a sua obrigação cinéfila mantendo-se capaz durante as horas da manhã resolveu tornar-se carracundo e cobrir duma chuva miudinha. Os preguiçosos que cortaram a soneca de domingo para virem às varandas de roupão espreitar do alto as andanças cinéfilas meteram-se para dentro e foram almoçar.

«O Pai Tirano» também recolheu a casa, contente com o seu primeiro dia de exteriores — passado sem novidade e com o bom rendimento de ter surpreendido aspectos que vão agradar em cheio aos cinéfilos lisboetas.

S. L.



Em plena Rua Garrett a equipa da Produção António Lopes Ribeiro, prepara-se para filmar uma das cenas da comédia «O PAI TIRANO»

Aqui para nós...

Opiniões

por Augusto Fraga

Há, precisamente, quinze dias que se está a filmar no «plateau» principal do estúdio da Tobis Portuguesa «O Pai Tirano». A primeira volta de manivela, essa cerimónia clássica que serve sempre para meia dúzia de mirones verem a-coisa-por-dentro, efectuou-se de facto, há duas semanas.

António Lopes Ribeiro goza agora de uma perigosa vantabem — *aguarda-se o seu filme.*

Aguardar uma produção não significa da parte do espectador eventual uma posição de pura espectativa. Há ideias preconcebidas, toma-se certa direcção, segue-se determinado declive. Não se espera muito imparcialmente pelo que António Lopes Ribeiro nos vai dar, mas pelo que, na opinião de cada um, êle nos *deve dar* em relação ao seu vasto programa, cujos aspectos, sob todos os pontos de vista, não podem ser melhores para o desenvolvimento do cinema português como indústria.

Com uma coisa desde já nos podemos dar por satisfeitos: António Lopes Ribeiro com a firma que usa o seu nome c mo razão social revolucionou o pachorrento panorama cinematográfico português. E ainda bem. Sempre sustentámos que um cinema, na acepção industrial do termo, só poderia surgir com uma renovação completa dos processos até agora adoptados, renovação que fôsse até os alicerces falsos das tentativas anteriores. Parece que se aproveitou na boa altura a ideia. Para se criar um cinema nacional era necessário começar por se criar uma organização que estudasse conscienciosamente os seus problemas. António Lopes Ribeiro, em breve discurso dirigido aos seus convidados, afirmou a sua lealdade ao princípio de continuidade do nosso cinema. Com o fogo sagrado da sua perseverança disse que a produção de filmes na nossa língua havia de ser uma realidade como indústria de actividade permanente.

Tais palavras fizeram-nos ver com outros olhos o vasto casarão do estúdio da Quinta das Conchas que, apesar dos filmes que de lá têm saído sempre me pareceu não passar do projecto, digamos da primeira pedra inaugurada, solenemente, não sei bem se por algum ministro se pelo inspector geral dos espectáculos. Era, assim, uma espécie de Meca dominical para os peregrinos que costumam visitar a Estufa Fria...

Nas páginas do «Animatógrafo», disse-se já quais são os propósitos da «Produção António Lopes Ribeiro». Depois de «O Pai Tirano», ainda êste ano começará a rodar-se outra película: «O pátio das cantigas». Um plano estabelecido e estudado convenientemente seria seguido à risca, segundo tais propósitos. Arte e comércio dão-se, portanto, as mãos, afim de permitir um carácter de permanência aos nossos técnicos de cinema. É sabido que não existe qualquer incompatibilidade entre os méritos artísticos do cinema e as suas necessidades industriais conciliadas pelo elo poderoso da técnica. Comércio, indústria e arte são, portanto, peças da mesma máquina e tôdas essenciais. Quem pretende defender os interêsses de qualquer delas vê-se forçado a considerar as outras — e a defendê-las também. De contrário, arrisca-se a emperrá-la, espatifando tudo.

Pela parte que nos toca, julgamos ter uma noção exacta destas coisas. Há quem entenda a missão do jornalista cinematográfico como uma posição permanente de combate contra tudo o que cheira a contas e a balcão. Nós não a entendemos, nunca a entendemos nem entenderemos assim. Pessoalmente, sempre tivemos a consciência de que sem contas curtas não pode haver cinema certo.

António Lopes Ribeiro deve ter feito as suas contas antes de se lançar em tão interessante e louvável emprêsa. Isso dá-nos uma certa tranqüilidade de espírito. A sua máquina trabalhará sem atritos.

E, aqui, nestas colunas, desempenharemos o papel de lubrificador para a boa marcha de tudo. E bem sabemos que assim como o mau óleo estraga as máquinas a Imprensa mal refinada ou facciosa só prejudica o bom cinema cinematográfico.

NOTÍCIAS DA EUROPA

ITÁLIA

Os estúdios italianos devem produzir durante êste ano 140 filmes!

A produção italiana, mercê de um certo número de circunstâncias à frente das quais se deve pôr o proteccionismo oficial ao filme italiano, mercê do qual o cinema estrangeiro encontra embaraços graves, e por assim dizer insuficiências, de penetração, vem acusando desde há alguns anos um volume sempre crescente. Isso mesmo nos demonstram estatísticas recentes publicadas em Itália, quer por organismos oficiais, quer através da imprensa de especialidade.

Por êles ficámos sabendo que se a Itália durante os anos de 1932 a 1936 produziu em média 35 filmes anualmente, êsse número foi sucessivamente elevando-se a 45 filmes um ano depois e a 77 em 1939. Foi precisamente neste mesmo ano que o govêrno italiano constituiu a chamada «lei do monopólio oficial» referente à distribuïção dos filmes Como conseqüência directa de tal orientação notou-se imediatamente no ano seguinte aumento da produção, pois dos estúdios de Itália saíram nada menos que noventa e nove filmes!

Analisando o balanço de 1940, em «Bianco e Nero», a notável revista, órgão do Centro Experimental de Cinematografia, o crí-



Alessandro Blasetti

tico Giovanni Puccini destaca, entre essa quási centena de filmes, quatro produções de elevado nível artístico, apontando-os mesmo como os quatro melhores filmes, que desde o crescimento do cinema italiano, saíram, dos estúdios do país, todos assinados pelos três melhores realizadores italianos da actualidade: Blasetti, Genina e Camerini. São êsses filmes: *Un'Avventura di Salvatore Rosa*, cujo argumento foca alguns episódios da vida daquele pintor setecentista que, à maneira dos artistas da Renascença, substituía com elegância e desenvoltura a paleta das tintas pela lâmina da espada quando se tratava da defesa dos fracos e dos oprimidos, decorrendo ainda o filme numa atmosfera de leveza e de galanteria digna de referência.

Dirigiu-o Alessandro Blosetti e são seus intérpretes Gino Cervi, Luiza Ferida e Pina Morelli; *«I cadetti dell'Alcazar*, dirigido por Augusto Genina, descrevendo-nos a heróica, sobrehumana resistência do glorioso general Moscardó tendo a interpretá-lo Rafael Calvo na figura do grande militar, Mireille Ballin e Fosco Grachetti; *Una Romantica Avventura*, cuja acção se passa em princípios do século passado, foi dirigido por Mário Camerini e tem por intérpretes Assia Noris, Gino Cervi e Leonardo Cortese. O quarto filme «hors-série» tem por título *Uomini sul fondo* e foi dirigido por Camerini também.

A seguir a êste quarteto de excepção podem juntar-se, como filmes de cuidado aspecto técnico e de real valor comercial *Melodie Eterne*, com Gino Cervi, Conchita Montenegro e Luisella Beghi; *Manon Lescaut*, já exibido entre nós e *Oltre l'amore*, todos os três com realização de Carmine Gallone; *Cavaleria Rusticana*, do saüdoso Amleto Palermi, com Isa Pola, Doris Duranti e Carlo Ninchi; *Don Pasquale*, de Mastrocinque; *Rosa scarlate*, extraído romance de Pierre Benoit «Les Compagnons d'Ulysse», de Jean Choux com Viviane Romance, Camilo Apoloni e Clelia Bernachi; *Dora Nelson*, dirigido por Mario Soldati, com Assia Noris, Carlo Ninchi e Nino Crisman; *Abuna Messias*, de Alessandrini; *Follie del Secolo*, de Amleto Palermi; *Pazza di Gioia*, realizado por Carlo L. Bragaglia, versão italiana do famoso «Dois num automóvel», com Vittorio de Sica, Maria Denis e Umberto Milnatti, etc.

Para êste ano, segundo as palavras que o ministro Pavolini



Augusto Genina

pronunciou em Cinecittà há poucos dias durante a reünião para o estudo do «Plano do Cinema Italiano para o ano XIX», deverá ser atingida a denominada «Quota 140» ou seja a produção de 140 filmes nos estúdios de Itália.

FRANÇA

Nenhum filme estreado antes de 1937 pode voltar a ser exibido em França

A acção do Comité de Organização da Indústria Cinematográfica Francesa, a que preside Raoul Ploguin, homem de cinema avisado, e conhecendo perfeitamente todos os escaninhos da indústria, prossegue, fazendo-se sentir em todos os campos do cinema, quer no que respeita a produção como a distribuïção e a exibição.

Recentemente foram por aquele Comité estabelecidas as seguintes medidas tendentes a semear e a orientar a exibição:

1.° — A partir de 1 de Setembro de 1941 não poderá ser projectado em França nenhum filme, qualquer que seja a sua nacionalidade, cuja primeira apresentação em público tenha tido lugar antes de 1 de Outubro de 1937.

2.° — A contar de 1 de Junho de 1941 na zona ocupada, e de 1 de Setembro na zona não ocupada, os programas das sessões deverão, obrigatòriamente, ser constituídos da maneira seguinte: Actualidades, um documentário ou um desenho animado, e um filme de fundo. Os filmes anúncios e os de publicidade, não ficam compreendidos nesta limitação.

3.° — O director do C. O. I. C. poderá tomar medidas de excepção a favor dos filmes cuja primeira apresentação em público tenha sido anterior a 1 de Outubro de 1937 quando a qualidade artística ou outra razão justificar essa medida. Da mesma forma o director responsável poderá autorizar modificações na composição-tipo dos programas.

• Concluída agora a sua realização, depois de várias vezes interrompida, vai ser apresentado o filme de Maurice Tourneur VOLPONE, tirado da obra de Jules Romains e interpretado por Harry Baur, Louis Jouvet, Charles Dullin, Fernand Ledoux, Marion Dorian, Temerson, Jacqueline Delubac e Alex Rignault.

ESPANHA

A nova legislação sôbre cinema obriga a produzir activamente

Os estúdios espanhóis continuam ocupados por uma produção sempre crescente, que por vezes chega a obrigar a compassos de espera mais ou menos longos a realização dos filmes prontos para os trabalhos de filmagem.

O entusiasmo dos industriais espanhóis de cinema mantém-se vivo, e agora certamente mais que nunca em virtude das recentes disposições governamentais que devem pràticamente obrigar a produção estrangeira a desaparecer das telas do país vizinho, dadas as rigorosas e pesadas medidas impostas ao cinema de fora, em especial ao americano dado o habitual volume de importação que até aqui a Espanha fazia de filmes saídos de Hollywood.

Por isso não custa nada a admitir que, para satisfazer as necessidades do mercado interno, a produção espanhola acuse ainda um incremento maior que aquele que já agora se vinha observando.

• Benito Perojo, um dos nomes mais considerados do cinema espanhol é o realizador do filme LOCURA DE AMOR, para a emprêsa Ulargui, do qual são intérpretes Mary Carrillo, Julio Peña, Rivelles e Rafael Calvo. O operador é Ted Pable e o argumento de Manuel Tamayo Baus.

• A primeira produção da nova sociedade Editores Cinematográficos Unidos intitula-se LUZ ETERNA e é interpretada por Maruchi Fresno e Enrique Pezzi, sendo a realização de Abelardo Garcia de Francisco; Henry Barreyre o operador. É baseado numa poesia popular de fins do século passado, decorrendo a acção do filme em Castela.

• SU HERMANO Y EL é o título do filme que, com Antonio Vico, Blanca de Silos, Manuel Luna, Enrique Guitart e Concha Catalá por intérpretes, Luis Marquina está dirigindo. Isy Goldberger, bem conhecido em Portugal, é o operador.

NOTICIAS DE HOLLYWOOD

GRETA GARBO começou a filmar a sua nova produção para a M-G-M tendo Melvyn Douglas como parceiro

Depois de uma ausência dos «sets» dos estúdios de quási dois anos — vinte e um meses para sermos precisos — Greta Garbo começou o seu novo filme para a Metro Goldwyn Mayer. Finalmente!

Chegou enfim a desejada boa-nova depois de numerosas pequenas notícias que os jornais americanos de há alguns meses para cá, se contentavam em publicar, ora dizendo que Garbo começara a provar os vestidos que usaria na fita, ora anunciando que o realizador Andrew Morton estava a dirigir determinadas cenas de desportos de inverno em Sun Valley para serem incluídos no filme da sempre misteriosa sueca, ou que Malcon Brown seria o «art-director», isto é, o decorador, do novo filme da sueca celebrada.

E, depois de dizerem também que Mickey Rooney entraria no filme, o que não passou de mera hipótese, anunciou-se igualmente que William Powell viria de Nova York, onde descançava, propositadamente para Hollywood afim de partilhar, com Greta Garbo, a vedeta do filme, o que também não é verdade, embora, no entanto, até ao último momento tal se afirmasse.

Como sucede com todos os filmes de Greta Garbo, poucas coisas têm transpirado acêrca do seu novo trabalho, pois nem o título do filme se conhece ainda oficialmente, embora se tenha falado já em «Ana e Anita», que pode muito bem vir a ser o definitivo, pois do argumento se sabe que trata de duas irmãs gémeas, de carácter absolutamente oposto, que amam ambas o mesmo homem. Uma, *Ana*, muito senhora, muito «snob», quási circunspecta, e outra, *Anita*, alegre, viva, buliçosa, rindo-se dos preconceitos e da sociedade. O homem cujo coração entre as duas balança é, tal como em «Ninotchka» Melwyn Douglas. Roland Young, o espirituoso comediante, *Topper* inesquecível, e Ruth Gordon, um nome pouco conhecido, são apenas os dois outros intérpretes que os comunicados indicam.

Desta vez Greta Garbo tem como director um homem que assinou a realização dum dos seus melhores filmes e onde ela tinha, porventura, a melhor interpretação da sua carreira — George Cukor, o encenador de «Dama das Camélias».

Walter Reish, o grande «scenarista» alemão agora a trabalhar no cinema americano e a austríaca Salka Viertel são os autores do argumento, e Joseph Ruttenberg é o fotógrafo do filme.

Adrian, o mestre criador de modas, tem neste filme uma colaboração de elevada importância, pois são numerosíssimos os vestidos que Greta Garbo, na sua dupla caracterização, apresentará. Ainda mais: ao que se diz a história do filme decorre em duas épocas diferentes — fim do século passado e na actualidade.



Greta Garbo não costuma trabalhar duas vezes seguidas com o mesmo galã. A excepção aberta com Melvyn Douglas será pura admiração pelo talento do comediante ou mera simpatia pessoal?

O que é o filme «KLONDYKE» com Edward Robinson e Ann Sheridan

Da «Quimera do Ouro», a obra-prima de Chaplin, ao vigoroso «Pista de 98» dirigido há anos por Clarence Brown, muitos têm sido os filmes em que a descoberta do oiro no Canadá, em fins do século passado, tem sido focada sob tôdas as formas e em todos os tons. Tem sido até mesmo um dos assuntos que em todos os tempos, o cinema americano tem abordado com mais freqüência.

Agora, de novo, o ambiente de aventura e de audácia que caracterizam a época e o acontecimento, a luta incessante e rude, a existência tumultuosa e heróica dos primeiros pesquisadores que demandaram as terras áridas e inhóspitas de Klondyke, no norte do Continente americano, em pleno Yukon abrupto e frio, vai servir de quadro a um filme da Warner Bros.

«Klondyke» é o nome dêsse filme e Michael Curtiz, o especialista dos espectáculos cinematográficos grandiosos, será o realizador da adaptação cinematográfica da história de Vincent Sherman e Lee Katz. Para intérpretes do filme escolheu Hal Wallis, chefe máximo da produção da Warner, os nomes de Edward G. Robinson, que terminou há pouco, com Marlene Dietrich e George Raft o filme «Manpower», John Garfield actor categorizado da emprêsa dos Irmãos Warner e Ann Sheridan que encarnará a figura lendária de *Klondyke Kate* dos tempos já quási lendários também do novo Eldorado de há quási três quartos de século.

O cómico Bob Hope e Paulette Goddard são os protagonistas de «The Murder Farm,» da Paramount

Bob Hope se bem que seja um actor popularíssimo na América e uma das figuras mais queridas de Hollywood, onde a sua presença é considerada indispensável em tôdas as festas, seja qual fôr o seu carácter, que se realizem na capital do cinema yankee — essa sua acção foi até êste ano galardoada com um prémio especial da Academia Americana em reconhecimento dos seus desinteressados serviços à indústria cinematográfica — é no entanto pouco mais que ignorado no nosso país onde, se fizermos excepção a «O Gato e o Canário» que o Condes exibiu esta época, os seus filmes têm primado pela ausência.

Bob Hope, que terminou recentemente «Road To Zamzibar» com Bing Crosby e Dorothy Lamour, filme de êxito excepcional, e «Caught in the Draft», e está concluindo «Nothing But the Truth» ambos com Paulette Godard e todos da Paramount, vai ser o intérprete de um novo filme de ambiente policial, à maneira de «O Gato e o Canário», intitulado «The Murder Farm», feito sôbre um argumento de Dalton Trumbo e Jack Moffitt, dois especialistas do género, no qual êle interpretará, naturalmente, um papel cómico, o de um empregado duma agência de informações policiais.

Mais uma vez a perturbante Paulette Goddard será a sua «partenaire» neste novo filme, de que o produtor Arthur Hornblow será o responsável.

Para se fazer uma ideia da categoria actual de Bob Hope basta dizer que a Paramount tem já escolhidos para êle interpretar sucessivamente os seguintes argumentos: «The Road to Moscow», «Louisiana Purchase» e Samuel Goldwyn «The Lady in Pursuit», que deve interpretar com Jack Benny, outro popularíssimo comediante do cinema e da rádio americana.

O novo filme de ELEANOR POWELL para a M-G-M passa-se nas Filipinas

«Lady Be Good», a versão cinematográfica da famosa opereta de Gershevin, que há cêrca de vinte anos enlouqueceu o público americano e lançou dois actores a que até então ninguém ligava importância — Fred Astaire e sua irmã Adele — e de cujo êxito a Europa também partilhou em grande escala, está já terminada, devendo em breve fazer a sua estreia nos Estados Unidos. Os papéis dos seus criadores são agora, neste filme da Metro Goldwin Mayer interpretados por Eleanor Powell, a incomparável bailarina e Robert Young, o simpático galã, reunidos, uma vez mais, depois de em «Honolulu» terem aparecido juntos. Agora a M. G. M., parece que satisfeita com o trabalho de Powell e de Young naquele filme, resolveu juntá-los de novo numa outra produção cujo argumento há pouco adquiriu ao «scenarista» Matt Brooks e que tem por título «I'll Take Manila». Será também um filme de ambiente puramente musical, com muita música e profusão de bailados em que a acção se acha localizada, como o título deixa fàcilmente perceber, na capital das Ilhas Filipinas, mantidas sob protectorado dos Estados Unidos.

Não estão ainda determinados com segurança os nomes dos outros intérpretes do filme, nem tampouco quem o realizará, se bem que pareça ser Norman Mac Leod, o realizador de «Lady Be Good» quem tenha maiores probabilidades de ir dirigir «I'll Take Manila».

CARTAS DUM CINÉFILO

Inconfundível director:

Até agora ainda não recebi os retratos das duas vedetas do seu filme: Graça Maria e Maria Leonor. Certamente o senhor não se esqueceu, o que eu nunca lhe perdoaria, mas não compreendo a demora. É favor dizer às artistas que mandem as fotos depressa enquanto eu estou de maré, se não depois é pior.

Cá ando a trabalhar na preparação do meu filme. Tudo vai bem felizmente e espero que a primeira volta da manivela se faça o mais tardar no cair da fôlha, pois esta época não é propícia para certas doenças e a do meu infeliz pai é dessas.

Agora tenho uma novidade sensacionalíssima a dar-lhe, mas por enquanto não diga nada no nosso jornal. Talvez eu dentro em pouco possa criar a «Produção Ignácio da Purificação» e, o que é mais importante, com continuidade. Além de meu pai tenho um tio que tem umas economias e diabetes pobres. Não tem herdeiros e deixa-me tudo a mim. Portanto dois filmes seguidos já pode dizer-se, estão assegurados. Depois ver-se-á, o que se poderá arranjar, mas espero com os lucros fabulosos daqueles poder fazer outros. Conto com o nosso jornal para, quando chegar a altura, falar das minhas fitas que em homenagem àquelas duas santas criaturas que me vão dar a mão se vão chamar «O Pai bondoso» e «O Tio em Lisboa». Ambos os argumentos, diálogos e planificações são da minha autoria.

Já sei que o seu filme vai em grande andamento. Até agora ainda só vi fotografias da sapataria mas creio que aquilo deve ter mais cenários. Afinal o senhor não me quis para seu técnico e ainda bem porque eu agora atarefado com os meus trabalhos teria que me despedir e a sua fita com certeza que se ia ressentir disso.

Seguindo o exemplo do «Animatógrafo» eu agora no verão vou, também, abater uma fôlha de papel na minha carta. Mas olhe que é apenas durante o verão. Acho que isto é uma grande medida. Na estação calmosa as minhas notícias vara si passam a ser mais pequenas mas também lhe roubo menos tempo às suas ocupações para a leitura.

Adeus até para a semana.

Ignácio da Purificação

P. S. — Para começar a encurtar a carta durante o verão como acima lhe digo já hoje não lhe escrevi «post-scriptum».

I. da P.

A arte de ver um filme (VII)

(Cont. do número anterior)

Mas deparamos com um problema mais grave para o actor consciencioso: o estudo das interrupções ou das modificações de caracter. Influências estranhas podem provocar esta perturbação. Umas, que são modificantes internos, podem ter origem na hereditariedade, no sexo, na saúde, na doença, na energia intelectual, na acção recíproca de sentimentos; outras, que são modificantes externos, podem ter origem física, em alimentos, bebidas, climas, estações, mudanças de tempo — ou origem moral, na educação, na profissão e no ambiente social.

De tudo isto o espertador se deve aperceber ao ver as evoluções da personagem na tela branca, diante dos seus olhos que a seguem amorosamente...

Mas além do temperamento e do carácter temos ainda os sentimentos. Estão eles traduzidos com propriedade e equilíbrio? Tem o actor o poder de convicção suficiente para nos arrastar atrás do que exterioriza? E acaso o actor cumpre à risca aquele preceito de Horácio que tanto se aplica ao escritor como ao actor: «Se inventares o carácter duma personagem por ti imaginada, cuida em que ela sustente até o fim da acção êsse seu carácter, sem nunca dele sair, nem se desmentir em parte alguma»?

Mas veja o espectador como o actor expressiona. Repare que, entre o artista do tablado e o intérprete de cinema, há uma distância importante, e porque ambos obedecem a leis diferentes, ambos expressionam de nodos diferentes. Não apenas com *intensidades* diferentes, mas sim de modos diferentes. No teatro, a expressão é trabalhada com os musculos faciais; no cinema, é dada pelos olhos.

Depois da expressão pelo gesto, temos a expressão pela palavra — em que os actores de Hollywood são verdadeiros mestres. Eles não declamam: falam, falam sem acentuar as frases, sem sublinhar as pausas, sem vincar a intenção de certas palavras. A articulação é perfeita; não se perde uma sílaba do que o artista diz. Há respeito e obediência à lei da sobriedade.

Por último, repare-se se a individualidade do actor é semelhante à da personagem, se existe *identificação* entre uma e outra.

E não fixe o espectador a sua atenção apenas na vedeta que tem o nome em grandes letras no cartaz; cuide também dos segundos e até dos terceiros artistas que, por vezes apresentam trabalhos tão bons ou melhores do que as próprias «estrêlas».

As estrêlas brilham na tela.

«O espectáculo de cinema só se realiza completamente no «écran» — disse, uma vez, António Lopes Ribeiro.

Ora, o espectador não é eclético nem tem obrigação de conhecer a técnica cinematográfica, mas nada perde se souber descobrir as causas duma projecção deficiente. Pelo menos, será mais justo nas suas acusações, pois não se queixará do projeccionista quando a culpa é do laboratório, nem protestará contra a má qualidade fotográfica quando o mal provém do aparelho de projecção.

Para que esta última resulte é preciso ter em linha de conta:

a) a tela;
b) a aparelhagem de projecção;
c) a luz;
d) o som.

A luminosidade da projecção depende não só da pureza fotográfica do filme, mas também — e principalmente — da tela. Esta é fabricada com qualquer tecido branco opaco ou recoberto duma camada de branco de zinco, gêsso extra-fino, ou duma pintura de pó de alumínio. Pode também ser de borracha perfurada ou recoberta de pequenos cristais de vidro. O rendimento luminoso dum «écran» metalizado é superior ao dum «écran» branco ([1]).

Note-se que nos referimos a telas destinadas a projecção por reflexão e não a projecção por transparência — sistema pouco vulgar e que nos oferece imagens movendo-se numa tela amarelada e aqüosa.

A máquina de projectar mantém — salvo num ou noutro modêlo — velocidade constante, mas resta saber se ela é tratada com cuidado, se está afinada, limpa, lubrificada, sem folgas, com o obturador regulado e o leitor de som em condições.

Em primeiro lugar, deve estar assente numa mesa ou tripé de solidez absoluta e isento de vibrações. Uma vibração de $0^{mm},5$ — pràticamente imperceptível — sofreria um aumento de cem vezes e teria uma amplitude de 5 centímetros na tela, o que é desastroso.

Depois, a luz deve estar centrada e regulada, de modo a não deixar zonas obscuras em qualquer ponto da tela. Os carvões devem queimar-se a uma distância sempre igual, de modo a evitar (principalmente quando se usam carvões de cobre) que a luz, no «écran» mude a cada passo de côr. A luz, na projecção, tem de ser branca e constante. Deve a objectiva estar focada antes de se iniciar o espectáculo e manter-se assim até êste acabar, para não enfadar o espectador e para dar boa nota do zêlo do projeccionista.

O «corredor» e a «janela» — ou sejam, a calha e a abertura por onde passa o filme entre a fonte luminosa e a objectiva — têm de estar limpos, isentos de poeiras e de fragmentos de filme. Essas poeiras, ao cairem na pista sonora, prejudicarão a emissão do som. Poeiras, óleos, riscos — são os grandes inimigos da projecção. Convém portanto evitá-los.

A qualidade sonora depende muito do registo, é claro, mas depende também grandemente da reprodução. Para que esta seja fiel, temos de considerar o estado e a qualidade da aparelhagem, a lâmpada que faz a leitura do som e o traduz em vibrações e o alto-falante; temos de saber se o potenciómetro está alto ou baixo, se a acústica da sala é boa, se há distorsões, ecos, ressonâncias...

Se a película é nova e cuidada, o projeccionista trabalha mais tranqüilo, mas se o tempo e o uso fizeram aquela perder perfurações, se o celulóide está ressequido e cheio de colagens — a projecção ressente-se, o filme salta nas engrenagens, e o resultado não poderá ser brilhante.

Mas não nos alonguemos na matéria.

De qualquer modo, convém que o espectador saiba ver e apreciar. Cultivar o bom gôsto é um dever. Desenvolver os conhecimentos adquiridos é uma necessidade. De sorte que, ao escrever êste ensaio sôbre a arte de ver um filme, nós insurgimo-nos contra os espectadores negligentes e que deixam embotar sem razão a sua sensibilidade. Insurgimo-nos contra aquêles que querem ser cegos por fôrça e reagem perante a obra de arte. Mas a êsses diremos, como Fr. Bartolomeu dos Mártires, o santo arcebispo de Braga, no concílio de Trento, em presença do Papa e do Sacro Sacrilégio dos Cardiais:

— Os ilustríssimos e reverendíssimos cardiais hão mister uma ilustríssima e reverendíssima reformação.

E isto apenas por respeito e amor ao Cinema, a arte admirável que invoca a interrogação shakespereana:

Qual a tua substância, de que és [feito,
Que te seguem milhões de estra- [nhas sombras?

([1]) *De facto, a tela branca difunde a luz que recebe e reenvia-a duma maneira quási uniforme, em tôdas as direcções. As telas metálicas, metalizadas, ou de borracha concentram a luz numa direcção a que se dá o nome de principal.*

MOTA DA COSTA

BREVEMENTE

O Clube do Animatógrafo

DARÁ O SEU SEGUNDO ESPECTÁCULO NO CINEMA DO PALÁCIO DAS EXPOSIÇÕES NO PARQUE EDUARDO VII ★ O PROGRAMA SERÁ COMPLETAMENTE DIFERENTE DAQUELE QUE SE ORGANIZOU PARA A SESSÃO INAUGURAL DO CLUBE E ESTÁ DESTINADO A UM ÊXITO ABSOLUTO

A FEIRA DAS FITAS

QUADRO DE HONRA

No filme exibido em Lisboa na última semana, «Animatógrafo» chama a atenção do público para o que nele merece atenção especial

«O FANTASMA VOLTOU» (M-G-M)

— **A ideia basilar do argumento, extraído duma peça de GEORGE KAISER.**
— **A realização de WILLIAM THIELE.**
— **FRANK MORGAN (Vern Adams), DONALD MEEK Mortimer Hopkins) e REGINALD OWEN (o rabecão da orquestra), pelas suas interpretações.**

«O FANTASMA VOLTOU»

(The Ghost cames home)

Os restos do engodo manifestado nos últimos meses pelo público para com o cinema, e as frescuras dêste Julho outonal, estão a permitir prolongar a temporada além dos limites normais. Assim se explica que a última treça-feira do S. Luiz parecesse uma estreia de inverno, apesar do filme que se apresentava não dispor do prestígio que arrasta as multidões. Outro factor, porém, deve ter influído para a alta «temperatura» da bilheteira: a apresentação das primeiras imagens da campanha da Rússia. O S. Luiz, tal como a M. G. M., continua a seleccionar os complementos dos seus programas com o máximo do esmero permitido pelas possibilidades actuais. E não tem de que se arrepender.

O público não deve ter ficado desiludido — quer com os *hors d'œuvre*, quer com o prato de resistência. Abriu o espectáculo um curioso desenho animado de Rudolf Ising, baseado na ideia mais funambulesca que se possa imaginar. Chama-se «Cavalarias Altas» — e mete cavalos, ou melhor, éguas. Mas poderia chamar-se, como o filme de George Cukor que vimos no Eden: «Mulheres»...

Depois duma revista de actualidades da British Paramount com certo interêsse (especialmente as últimas imagens sôbre a preparação física do pessoal da R. A. F.), veio um *short* da série «A Parada da Vida» intitulado «A fôrça oculta», em que um tema melindroso aparece tratado com inteligência e equilíbrio, e filmado com certo brilho. Veio a seguir, finalmente, o jornal da Ufa — boa seqüência de assuntos variados e palpitantes, em especial a reportagem do comêço da ofensiva germânica contra os sovietes, filmada com a perícia e o arrôjo a que já nos habituaram os homens das P. K. — as Companhias de Propaganda do exército alemão.

A segunda parte do espectáculo foi preenchida com a exibição de «O fantasma voltou», comédia assás curiosa, extraída por Richard Maibaum e Harry Rustin da peça de George Kaiser «*The Courageous Seaman*». Dizia-me Fernando Fragoso que o filme faz lembrar as comédias-farsas que se costumam representar nos teatros portugueses e que constituem o mais seguro e popular repertório de artistas como Maria Matos ou António Silva. A observação é perfeitamente justa. De facto, a estrutura da peça — e do argumento do filme — não é mais nem melhor do que as da grande maioria das intrigas dessa espécie de teatro preferida, infelizmente, pelas platéias nacionais. Há apenas uma diferença: as figuras têm volume, têm verdade, constituem esboços de caracteres desenhados com credibilidade, com inteligência e com espírito. E isto é imenso — e é indispensável no cinema, onde não se suportam palhaçadas completamente arbitrárias, conflitos inteira e estupidamente absurdos, personagens totalmente convencionais e artificiais, que o público de teatro, e não só o português, suporta e digere com satisfação nunca saciada. O busilis desta diferença não é misterioso nem constitue segrêdo; mas não cabe aqui analisá-lo e defini-lo. Fica para outra ocasião e para outro lugar. Acrescentarei apenas — para tirar uma moralidade útil do caso — que o cinema nacional pode utilizar as tais intrigas das peças de teatro que a maioria do nosso público prefere, com uma condição: a de não se esquecer de dar volume, verdade e carácter às personagens da história, compondo-as com inteligência, com espírito e com «verosimilhança humana».

Mas regressemos ao filme em questão. Dirigiu-o William Thiele, realizador alemão que teve nos estúdios do seu país uma posição de primeiro plano: foi êle quem dirigiu alguns filmes ainda hoje lembrados, como «A Valsa do Amor», «Dactilo» e «O Caminho do Paraízo». «O Fantasma voltou» mostra que está ainda senhor de tôdas as suas qualidades. Basta reparar na forma como marcou algumas cenas — por exemplo: a do «negócio escuro» entre Reginald Owen e Donald Meek — ou na composição de certos planos, ou ainda na boa direcção que deu aos intérpretes. Neste ponto teve, aliás, a sua tarefa muito facilitada, por que o *cast* do filme reúne um lote de magníficos artistas: Frank Morgan, Billie Burke, Donald Meek, Reginald Owen, Ann Rutherford, John Shelton, Nat Pendleton, Frank Albertson, Harold Huber e Hobart Cavanaugh. O esplêndido Frank Morgan compõe excelentemente, como sempre, a figura do protagonista. E todos os outros têm momentos em que podem mostrar o que valem (a Billie Burke basta-lhe um «grande plano»). É justo distinguir, no entanto, o inenarrável e excelente Donald Meek, que está a tornar-se popular em Portugal, e Reginald Owen, na cena já citada.

D. M.

À procura da menina Amélia!

(Conclusão da pág. 7)

ziam as convocações para prestar provas e elas ainda sem suspeitar coisa nenhuma.

Ao outro dia à tarde, as quatro escolhidas para prestar provas apresentaram-se no estúdio. Pouco depois davam entrada no camarim da «maquillage» e passavam a «linha» com a aplicação de creme Max Factor da caracterização. Villar «pintava» cuidadosamente as futuras intérpretes para as suas provas cinematográficas.

Parece que estava tudo certo porque atravessamos a época de exames. Quatro «meninas Amélias» preparavam-se para o exame do «1.º grau» cinematográfico. Só não estava certo que para um concurso de dactilógrafas se exigisse fotogenia, fonogenia, poder de presença, arte de dizer — tudo enfim que pedem os «caturras» exigentes do Cinema — tudo menos escrever à máquina.

Não havia «cunhas» neste exame. O juri não aceitava «manteiga» e só deliberavva quando visse projectada a prova filmada. Todavia logo à primeira vista as quatro candidatas provocaram uma impressão favorável: sentia-se que em ttôdas elas se iria encontrar qualquer coisa de aproveitável.

Ribeirinho apadrinhou as futuras actrizes. Ensinou-lhes uma cena curta do «Pai Tirano», deu-lhes conselhos, mostrou a cada uma a interpretação que mais lhes conviria dar. Depois êle e Emília de Oliveira foram contracenar com as «meninas Amélias» — que na verdade se chamavam Linda, Natália, Arlete e Maria Alice.

Tinha acabado o dia de trabalho no estúdio. Uma pequena pausa para arranjar nova iluminação e colocar uma mesa à volta da qual se ia passar o «exame». O resto foi simples, tôdas estavam ligeiramente nervosas... como nos «exames» — sem tirar nem pôr; tôdas diziam diferentemente a mesma frase; tôdas reagiam de diferente maneira às mesmas rúbricas — porque tôdas tinham personalidades diferentes.

No fim, porém, tudo foi aprovado. Não para a «Menina Amélia» que só podia ser uma — e foi a que mais qualidades especiais revelou para o papel. Mas Natália, Maria Alice, Linda e Arlete tôdas deixaram marcadas as suas possibilidades e partiram com a garantia de que a «Produção A. L. R.» não se esqueceria delas.

Tudo aprovado.

A «Produção A. L. R.» também, pela esplêndida vitória que representa o facto do seu S. S. I. ter sido capaz de encontrar ràpidamente a intérprete precisa e entre quatro candidatas convocadas ter descoberto exactamente quatro raparigas com possibilidade de marcarem o seu lugar dentro do Cinema Português.

P. H.

As 4 surprêsas

(Conclusão da pág. 4)

sente época, não só com a sua interpretação em «Correspondente de Guerra» sob a direcção de Alfred Hitchcock, como também em «Chamam o Dr. Kildare» e «O Segrêdo do Dr. Kildare».

Chega a custar ao espectador aceitar que, por necessidade do argumento, o Dr. Kildare dispense uma atenção tão «clínica» à rapariga, e que o Dr. Gallespie não modere com ela as suas rabugices.

Porque a Laraine Day é bonita a valer. O que de resto sucede também com a Lucille Ball, a Ellen Drew e a Lana Turner.

Mas há que ter presente que a beleza não é tudo ou quási tudo.

Pelo contrário, a beleza é quási nada: um instrumento apenas. E só com um Stradivarius não se dá um concêrto.

A. DE CARVALHO NUNES

O Correio de Bel-Tenebroso

930 — MIRIAN *(Faro)*. — Para te inscreveres no Club do *Animatógrafo* deverás, num simples postal, dirigires-te à Direcção da nossa revista e mencionar nome, morada, idade, profissão e declarar que há mais de dez anos freqüentas o cinema. — *Mirian* tinha muito gôsto em corresponder-se com leitoras da nossa revista.

931 — PÁSSARO AZUL *(Lisboa)*. — Ficas inscrito, conforme pedes, na presente secção, sob o colorido e alado pseudónimo que adoptaste. — Êste *Pássaro Azul* deseja corresponder-se com leitoras do *Animatógrafo*, sôbre assuntos relacionados com a 7.ª Arte.

932 — PRINCESA DA SELVA. — Respondo àquele postal em que, «para me castigares» dizes que eu sou determinada pessoa. — Porque motivo é que a Dorothy Lamour só faz filmes ciclónicos? Em boa-verdade, Princesa, não sei que responder-te. Talvez porque à sua beleza ardente sejam gratas as rajadas de Eolo... — Até à próxima. Como tu, «despeço-me...».

933 — ANACORETA SILVA *(Lisboa)*. — Êste leitor solicita de *Princesa dos Diabretes* a graça de corresponder-se com ela.

934 — FLOR DOS ALPES. — Charles Boyer é um excelente actor. No entanto, foi no *Tovarich* que menos gostei de o ver. — O filme *Justiça Cigana* tinha, de facto, lindíssima música. Eu também gosto da Orquestra Roda, mas o meu amor pela música cigana e a admiração pelo excelente agrupamento que a executa não chegam para me levar a ver três vezes a película em questão. — Estamos diligenciando arranjar mais espaço vital para a correspondência.

935 — CONDE AXEL DE FERSEN DA SUÉCIA *(Lisboa)*. — Quando olho para os teus postais, de letra microscópica e prosa compacta, lembro-me sempre daqueles maduros que copiam dentro do diminuto espaço dos mesmos, cantos inteiros dos Lusíadas. — Êste leitor cumprimenta *Moreninha Insinuante*, *I am the Queen*, *Duas Alentejanas Íntimas* e *Uma Loira Madeirense* e manifesta o desejo de cartear-se com a primeira e as duas últimas destas leitoras. — As parceiras de Tracy, desde o início da sua carreira foram tantas e tão variadas, que as prefiro não as enumerar. Filmes de Eleanor Powell: *Parada Maravilhosa de 1938*, *Nasceu para Dançar*, *Rosalie*, *Honolulu*, *Idílio Musical*, etc.

936 — AMIGO N.º 1 de ANIMATÓGRAFO *(Pôrto)*. — O teu reparo ao «Jornal Português», que aliás elogias e aplaudes, como merece, é justo. Farei chegar a tua sugestão à firma que o produz. — *Sorte Grande* foi realizado por Lewis Milestone. — No teu pseudónimo e no número a que aludes houve «gralha», de facto.

937 — PEÇO A PALAVRA *(Évora)*. — Fico ciente do que me dizes na primeira parte da tua carta. Fiz como no mandarim. Carreguei no botão da campainha e morreste na primitiva encarnação.—Acho êste teu pseudónimo uma homenagem simpática ao filme do Capra. — Para um consulente, *Peço a Palavra* é um pseudónimo a carácter.

Tôda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA

938 — PINOCCHIO *(Pôrto)*. — Supuseste então que eu era capaz de deixar uma carta sem resposta?! Acredita que não! — Em *Uma Mulher Indomável* não só havia que admirar a excelência do colorido, como a graça esplendorosa de Patricia Morison, que, com Betty Grable, considero as duas mais belas revelações do colorido, no capítudo de vedetas, na presente temporada. — Podes solicitar fotos de tôdas as vedetas portuguesas, por intermédio da nossa revista — Ainda bem que gostaste de *Idílio Musical*. Tenho a impressão de que êste filme não foi apreciado, como devia.

939 — SIEGFRIED *(Cartaxo)*. —Porque não havia de aceitar o teu pseudónimo? — Podes escrever a Graça Maria, por intermédio da nossa revista. — Lamento que sob o ponto de vista de espectáculos cinematográficos o Cartaxo deixe muito a desejar. Não se pode ter tudo: vinho e filmes, ao mesmo tempo!

940 — AMOR DE ESTUDANTE *(Penafiel)*. — Tens razão quando dizes: «o público tem, por vezes ,estranhas atitudes: ri nas cenas dramáticas de *Maria Antonieta*, considera *Cavalgada Heróica* um vulgar filme de «cow-boys» e cataloga *O Poder das Trevas* na categoria das estopadas...» Não podemos responsabilizar o público dum modo geral pelas reacções de certos cretinos. Há que aplicar-lhes a máxima cristã: «Perdoai-lhes, Senhor porque êles não sabem o que fazem...» — Essa referência que citas a *Escândalo na Sociedade* só está de acôrdo com o filme, pelo facto de ser «escandalosa».

941 — MR. SMITH *(Pôrto)*. O título de *Uma Mulher Indomável* não está de acôrdo com o filme, tanto mais que a Patricia Morison nada tinha de rebelde. Liberdades de «tradutores». E ainda, entre nós, não há razão de queixa. Se vires certos títulos brasileiros... — A Ellen Drew é uma linda mulher e uma artista muito interessante. Em *Face do Destino* tinha um magnífico trabalho .— Felicito-te por o Pôrto, êste ano, ter assistido à estreia em Portugal de alguns dos melhores filmes.

942 — ALBINO CASTRO *(Braga)*. — Podes solicitar de Graça Maria, Tereza Casal e Madalena de Soto as ambicionadas fotos. Escreve-lhes por intermédio de *Animatógrafo*. — Desculpa não te ter escrito directamente, mas não posso infringir as regras que preside a esta troca de impressões, «no ambiente de franca cordialidade que preside às relações entre as nossas pessoas».

943 — DOIDO POR MARTHA EGGERTH. — Transmiti, oportunamente, a tua carta a *Uma Moreninha insinuante*.

944 — UM ADMIRADOR DE GRAÇA MARIA *(Lisboa)*. — Actualizei o teu pseudónimo, porque «Maria da Graça» se chama agora «Graça Maria». — Qualquer Banco te informará qual a melhor maneira de enviares a Deanna Durbin os 25 cêntimos que ela te exigiu, para te remeter a ambicionada foto. No entanto, no momento actual, essas transacções não encontram facilidades.

945 — RICARDO CORAÇÃO DE ELEFANTE *(Pôrto)*. — Para entrares no «Club do Animatógrafo» deverás dirigir-te à Direcção da nossa revista, e comunicar o teu nome, morada, profissão e idade, acompanhando essas menções com a declaração de que já vais ao Cinema há mais de dez anos. — O papel de *Gunga Din*, no filme do mesmo nome, foi desempenhado por Sam Jaffe. — Transmitida a tua carta.

946 — GERALDO CHEIO DE PAVOR — *(Évora)*. — Li a tua carta com o maior interêsse! De facto, é pena que os cinéfilos da Província, dum modo geral, lutem com tantas desvantagens para ver os filmes: más aparelhagens, cinemas deficientemente instalados ,filmes em mau estado, etc., etc. O que vale é que a nossa cinéfilia redime todos êsses defeitos que prejudicam a qualidade do espectáculo.

947 — CONDE MISTERIOSO *(Lamego)*. — As tuas sugestões sôbre romances que dariam bons filmes são curiosas. Penso que a *Selva* se prestaria mais para uma transposição cinematográfica do que a *Eternidade*. Êste tinha a vantagem de se poder transformar num hino à glória da Madeira, pérola das ilhas, sorriso do Atlântico. — Sôbre o filme português a que te referes, prefiro não emitir opinião.

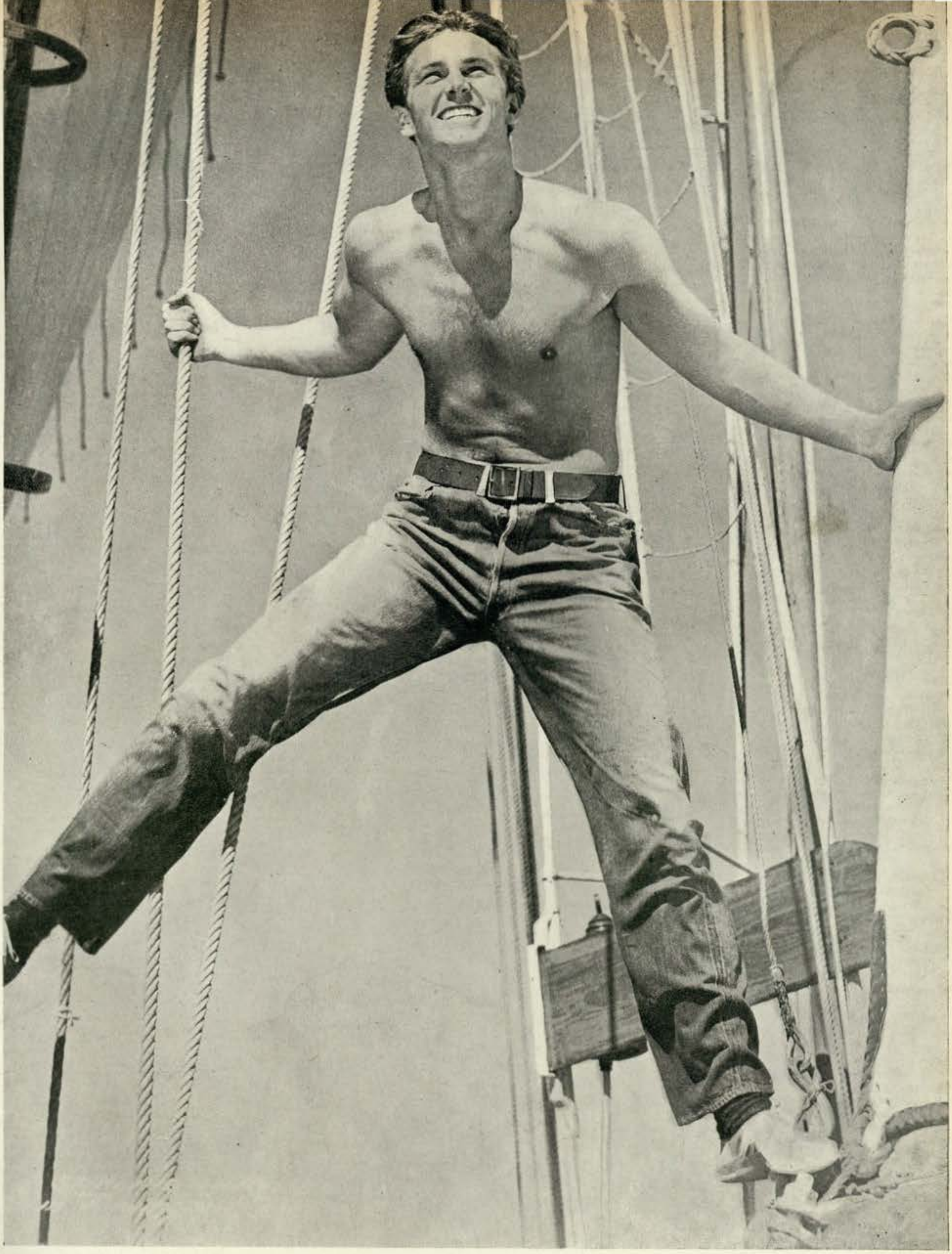
948 — PRINCIPE DA MEIA-NOITE *(Lisboa)*. — O prestígio de Tino Rossi é puramente vocal. E que não quere dizer que não haja quem aprecie o seu tipo de efebo, de cabelo empomadado... — A Viviane Romance, sim. Só por si é um «romance» sem palavras... — *Punição* é um belo filme. Mas gostei mais do ambiente do filme francês de Pierre Chenal, baseado no mesmo romance de Dostoiewsky, e que se exibiu, entre nós, como o título de *Crime e Castigo*. — O Peter Lorre e o Stroheim (sobretudo, na fase actual) a meu ver representam demais...

Bel-Tenebroso

PREGUNTAS DE ALGIBEIRA

(Soluções)

1 — Os dois.
2 — «Mateu».
3 — Dorothy Arzner.
4 — Produtor, realizador e actor.
5 — Linda Darnell.
6 — Helen Fortesque Reynolds.
7 — Fred Mc Murray, Jean Arthur, Melvyn Douglas.
8 — Não.
9 — Porque se não trata dum caso de bigamia mas sim de poliandria.



STIRLING HAYDEN

Desde muito jovem, o mar e a aventura têm regido, implacàvelmente, a vida de Sterling Hayden, novo nome do cinema, descoberta sensacional do ano da graça de 1941, Apolo Loiro da nova mitologia de Hollywood, Olimpo da nossa era.

Desde os quinze anos Hayden tem, pode bem dizer-se, passado a existência entre o céu e o mar, em viagens aventurosas e arriscadas, percorrendo, cruzando, esquadrinhando os sete mares. Foi mecânico e fogueiro, foi vigia e homem do leme a bordo de cargueiros e de escunas, de iates e veleiros. Esteve na Escossia e em Haïti, em Miami e nos Mares do Sul; foi a Singapura e ao Rio de Janeiro, às Caraíbas e a Java e dobrou, até, o Cabo da Boa Esperança.

E o mar continua a ser para êle, quando o estúdio o dispensa a grande, a fatal, a irresistivel paixão...

Vêmo-lo nesta foto a bordo do «Seward», o iate de Cecil B. De Mille,, numas férias, antes de ter naufragado com Madeleine Carroll e de com ela partilhar as aventuras de «Bahama Passage», o seu novo filme para a Paramount.

Animatógrafo

DIRECTOR: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



RONALD COLMAN é um galã cujo nome evoca grandes filmes. A sua carreira constitui notável exemplo de probidade artística

ÊSTE NÚMERO CONTÉM UM RETRATO-BRINDE: MICHÈLE MORGAN